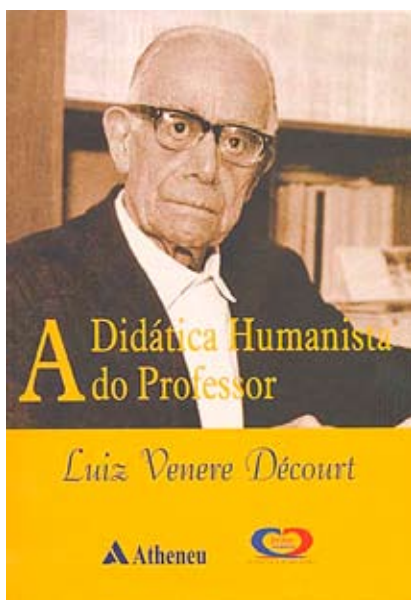


A “mística da enfermaria” do professor Décourt

Responsável pela formação de algumas gerações de médicos brasileiros, o professor Luiz Venere Décourt tinha uma maneira de lecionar tão impressionante que mereceu a obra *A didática humanista do professor Luiz Venere Décourt*.

“*Ele jamais se fixava apenas na doença e no tratamento, mas prestava grande atenção na questão humana.*”



Luiz Venere Décourt: lições para nunca mais esquecer.

Um de seus pupilos, Alberto Francisco Piccolotto Naccarato, garante que o mestre fez por merecer. “O que impressionava é que ele jamais se fixava apenas na doença e no tratamento, mas prestava grande atenção na questão humana, no contato pessoal com o paciente, preocupando-se com seus sentimentos, ansiedade e sofrimento”. Era uma lição que, quem a assistia, jamais esquece, diz.

Autor de vários livros que se tornaram clássicos da medicina e de inúmeros trabalhos, Décourt tinha três objetivos principais: a ciência, o ensino e a pessoa humana. Quando lecionava, cunhou uma expressão, “a mística da enfermaria”, para lembrar aos futuros médicos que “sua profissão tem um cunho sacrossanto, porque se dedica a preservar valores inalienáveis da pessoa humana, como a saúde e a própria vida”.

Falecido em 2007 aos 96 anos, Décourt foi professor titular de Clínica Médica na Faculdade de Medicina da USP onde, juntamente com o professor Euryclides de Jesus Zerbini, criou as disciplinas de Cardiologia Clínica e de Cirurgia Cardíaca. No Hospital das Clínicas, criou o Serviço de Tratamento Clínico e Cirúrgico das Cardiopatias, que acabaria dando origem ao InCor, instituto de que foi diretor científico até se aposentar. Doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra, foi ainda “Professor Emérito” e “Guerreiro da Educação”, prêmios oferecidos pelo Centro de Integração Empresa-Escola e pelo jornal *O Estado de São Paulo*.

Medicina, música clássica e vinho francês

As aulas do professor Luiz Venere Décourt na Faculdade de Medicina da USP eram tão famosas que, décadas depois de formado, seu ex-aluno, Alberto Francisco Piccolotto Naccarato, deixava Campinas nas madrugadas de quintas-feiras só para acompanhar as exposições do mestre. Nas aulas, dadas no quadro negro, Décourt preenchia toda a lousa com suas chaves esquemáticas.

“Como ainda não havia Internet, o professor Décourt montou um complicado arquivo de pequenas fichas, onde catalogava toda a literatura que, na época, dependia de revistas impressas que demoravam para chegar”. O objetivo era se manter perfeitamente atualizado numa

especialidade que evolui a cada dia, lembra.

Campineiro como o mestre, Naccarato estudou no colégio Culto à Ciência que ficava na rua de mesmo nome - onde Décourt morava - e no qual o pai dele lecionou. “Muito depois de estar no InCor, quando vinha a Campinas, Décourt me pedia para levá-lo para ver a casa onde tinha morado, transformada então num restaurante chinês, e um restaurante bom, diga-se de passagem”.

A maioria dos ex-alunos de Décourt não conhecia suas predileções além da medicina, e Naccarato conta que eram duas, que o mestre sempre “curtia” em conjunto: música clássica e vinho francês, *chablis blanc*, em especial.